



Blumenau em cadernos

TOMO XXIX

Junho de 1983

N.º 6

A QUEM DEVEMOS A REGULARIDADE DESTAS EDIÇÕES

A FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU", editora desta revista, torna público o agradecimento aos abaixo relacionados que, espontaneamente, contribuíram com recursos financeiros para garantir as edições mensais desta revista, durante o corrente ano:

TEKA — Tecelagem Kuehnrich S/A.

Companhia Hering

Cremer S/A. Produtos Têxteis e Cirúrgicos
Sul Fabril S/A.

Casa Willy Sievert S/A. Comercial

Gráfica 43 S/A. Indústria e Comércio

Distribuidora Catarinense de Tecidos S/A.

Tipografia e Livraria Blumenauense S/A.

Companhia Comercial Schrader

Buschle & Lepper S/A.

João Felix Hauer (Curitiba)

Madeiraira Odebrecht Ltda.

Lindner Herwig Shimizu — Arquitetos

Móveis Rossmark

Artur Fouquet

Joalheria e Ótica Schwabe Ltda.

Paul Fritz Kuehnrich

Casas Buerger

BLUMENAU EM CADERNOS

TOMO XXIX

Junho de 1988

Nº 6

S U M Á R I O

Página

Um Padre Francisquense — Antônio Roberto Nascimento	162
Subsídios Históricos — Coorden. e Tradução: Rosa Herkenhoff.	163
A Imprensa de Santa Catarina no começo do século	164
Os auxiliares do Dr. Blumenau biografados por José Deeke	165
Autores Catarinenses — Enéas Athanázio	168
Dezoito meses na América do Sul e suas colônias alemãs — I Parte	170
A Família Bohn em Santa Catarina - III — Pe. Antônio F. Bohn.	172
A História de Blumenau na Correspondência dos Imigrantes	175
Construções em Blumenau — 1901	176
Figura do Presente — Henrique Herwig	178
O Primeiro Clube Carnavalesco de Blumenau — “1897” (?)	183
Os tempos não mudaram... ..	184
Aconteceu... — Maio de 1988	185
Naturalização do Padre José Maria Jacobs	187
Ida Knoll — A poetisa teuto-brasileira	189
Figura do Passado — Prof. August Schnitzler — G. Arthur Koehler	191
Os primeiros 25 anos do “Der Urwaldsbote”	192

BLUMENAU EM CADERNOS

Fundado por José Ferreira da Silva

Órgão destinado ao Estudo e Divulgação da História de Santa Catarina
Propriedade da FUNDAÇÃO “CASA DR. BLUMENAU”

Diretor responsável: José Gonçalves — Reg. n.º 19

Assinatura por Tomo (12 números) Cz\$ 200,00 + 50,00 (porte) = 250,00

Número avulso Cz\$ 25,00 — Atrasado Cz\$ 50,00

Assinatura para o exterior Cz\$ 500,00 + 200,00 (porte) = 700,00

Alameda Duque de Caxias, 64 — Caixa Postal 425 — Fone: 22-1711

89.015 — B L U M E N A U — S A N T A C A T A R I N A — B R A S I L

UM PADRE FRANCISQUENSE

Antônio Roberto Nascimento

São Francisco do Sul, como toda cidade antiga, teve inúmeros padres, alguns deles nascidos lá mesmo, a maioria vinda de fora. O Padre Bento Gonçalves Cordeiro, por exemplo, nasceu em Paranaguá, então Província de São Paulo, vindo para a Matriz de N. S.^a da Graça do Rio de São Francisco Xavier do Sul por volta de 1783, segundo se constata no livro de óbitos n.º 1, tendo aqui falecido aos 10.2.1817, com cerca de 80 anos, quando morava em sua Fazenda das Três Barras (idem, ibidem). Era filho do Capitão Gaspar Gonçalves de Moraes e de Catarina de Sene e seus irmãos deixaram numerosa descendência na região.

O Vigário Benjamim Carvalho de Oliveira, também francisquense, era filho do Alferes Francisco Mathias de Carvalho, irmão do Capitão-mor Antônio de Carvalho Bueno, cuja família foi de grande importância para o povoamento de São Francisco do Sul e da região vizinha.

O Padre Marçal (v. Dicionário Político Catarinense, p. 324, verbete de W. F. Piazza), posto que mais ligado à Vila do Parati, também era francisquense, sendo filho de José Francisco Pereira e de Bárbara Maria de Jesus, ambos francisquenses, e neto paterno de Pedro Álvares Pereira, natural de Iguape, e de Josefa Maria do Nascimento, natural de São Sebastião, e materno de Diogo de Castilhos dos Santos e de Ana Dias de Siqueira, francisquenses.

Já o caprichoso Padre Nóbrega,

que nos legou tão bem cuidadosos livros paroquiais, era natural de Santos, posto que de mãe francisquense, filha do Capitão-mor Antônio de Carvalho Bueno. Aliás, dos Carvalhos Buenos descendem o Cônego João Mathias de Carvalho Bueno (v. Carlos da Costa Pereira, História de São Francisco do Sul, p. 122) e seu sobrinho o Padre Manoel Júlio de Carvalho Bueno, ambos francisquenses.

Outro filho de São Francisco do Sul foi o Padre José Dias de Siqueira (1767-1831), que teve por genitores o Juiz de Órfãos de 1799 Salvador Dias de Siqueira e sua mulher D. Maria Francisca da Silva (v. Dicionário Político Catarinense, p. 538, verbete de W. F. Piazza).

O nosso biografado, porém, ainda não teve a satisfação póstuma de ser ligado à terra onde nasceu: São Francisco do Sul. Trata-se do Pe. JOSÉ FORTUNATO PEREIRA MAIA, vigário da freguesia de S. João Batista do Alto Tijucas (1877), vigário encomendado de S. Miguel de 1874 a 1877, com provisão de pároco de 12.01.1884 (W. F. Piazza, A Igreja em Santa Catarina - Notas para sua História, p. 268). Era natural de São Francisco do Sul, onde deve ter nascido por volta de 1842 (não encontramos o assento batismal), sendo o terceiro filho dos francisquenses Quintino Alves Maia e Ana Bárbara do Espírito Santo; neto paterno de José da Maia Moreira e de Maria Antônia Pereira, e materno do Capitão

João Machado Pereira, natural de S. Miguel, e de Ana Maurícia da Trindade, esta irmã do famoso Coronel Camacho. Em 1872, quando do inventário dos bens maternos (arquivo forense), ele é dado como "ausente na Província de São Paulo" (sic), onde certamente estudava. Entretanto, no testamento de seu tio paterno Antônio Alves Maia, em 1886 (arquivo forense), este pediu que se dissessem "três missas pela alma do

finado João Nepomuceno Maia, cujas missas quero que sejam ditas pelo meu sobrinho o Reverendo Padre José Fortunato Pereira Maia de preferência" (sic), o que bem revela sua presença em São Francisco do Sul por essa época.

Assim, São Francisco do Sul pode orgulhar-se de ter sido o berço de mais um padre catariense: o do Vigário José Fortunato Pereira Maia.

Subsídios Históricos

Coordenação e Tradução: Rosa Herkenhoff

Excerto do livro "Aus der Vergangenheit der Blumenauer Strasse Im Munizip Joinville" (do Passado da Estrada Blumenau no Município de Joinville), de autoria de João Krisch, publicado em 1937, numa edição de apenas 20 exemplares e dedicado à sua filha, D. Hilda Anna Krisch. Em seu trabalho o autor nos conta das dificuldades com que seus avós e seus pais, imigrados em agosto de 1863, lutaram, depois de estabelecidos à Estrada Blumenau, na época, picada Blumenau.

"Somente um amor ao trabalho fora do comum, aliado a uma vontade férrea de progredir, na esperança de um belo futuro, podia criar em tão pouco tempo, aquilo que eles conseguiram.

Naquela época minha mãe se encarregava de trazer da Vila, bastante afastada, todos os mantimentos necessários, e, muitas vezes nos relatou quando éramos crianças, as peripécias das viagens a "Annaburg", onde ela, depois de preparar a massa e assar o pão o metia no alforje, juntamente com as mercadorias compradas na venda do Patsch e com o saco repleto sobre os ombros, com um cesto no braço ou sobraçando um pacote, seguia pela picada afora, sempre com disposição.

Mas, uma única vez ela se desesperou. Demorara-se mais nos afazeres em "Annaburg", mas ainda assim pretendia voltar para casa na mesma tarde. Ao alcançar o morro da pedra, dois quilômetros e meio distante do nosso rancho, a noite começou a cair. Ainda se encontrava num trecho, já desbastado da mata para a futura estrada, mas pouco adiante só existia a picada. Até ali ela já andara depressa, mas então começou a correr e conseguiu a custo atravessar alguns riachos, antes do anoitecer. Isto é, atravessou os riachos, caminhando sobre os três troncos de palmeira (palmito), que serviam de ponte, até alcançar o ribeirão Melzer. Quando ali chegou, já era noite fechada e ela não podia nem mais distinguir a picada. Sabia que pouco adiante

se encontrava o rio, com quatro metros de largura, e trecho de grande profundidade justamente no local em que se achavam os troncos de passagem. Mas, para alcançá-los, era preciso escorregar uns três pés pela margem abaixo e se escorregasse de mau jeito, era certo afundar nas águas até o ventre. Nisso aparece um vaga-lume. Uma batida no bichinho — e ele cai ao solo, ela consegue agarrá-lo. Guiada pela luzinha do vaga-lume, ela procura o lugar exato para escorregar na margem. Nisso, outro pirilampo surge, caindo igualmente prisioneiro. Os dois insetos lhe dão claridade suficiente para distinguir a vara, que servia de apoio na travessia da ponte e que ainda se encontrava justo como ela a deixara naquela manhã. Com a ajuda da vara e dos dois vaga-lumes, ela consegue chegar aos troncos. De repente um dos insetos se revolta, mas ela o segura. No meio da ponte, o besourinho belisca a sua mão e com o movimento brusco, o bichinho cai na água. O outro continua quietinho e assim ela consegue atravessar a ponte, subir na outra margem e ainda continuar caminhando pela picada, uns 300 a 400 metros. Repentinamente, porém, a fosforescência do pirilampo se apaga, é noite fechada — e ainda faltam uns 400 a 500 metros até a casa. Cambaleando, continua pela picada, chama e grita, com todas as suas forças — e somente pôs seis ou sete berros é que aparece ao longe, bem longe, um clarão. É meu pai, que, no silêncio da noite, escutara por fim os gritos desesperados e, tomando um facho enorme, corre ao seu encontro. Ele já não contava mais com a volta da mãe naquela noite. . .”

Encontra-se no Arquivo Histórico Municipal de Joinville um exemplar do livro acima referido.

A Imprensa de Santa Catarina no começo do século

Blumenauer-Zeitung, 6.3.1909. — No Estado de Santa Catarina circulam atualmente 25 jornais: 2 são diários (“O Dia” e a “Gazeta Catarinense”); 3 são editados duas vezes por semana; os outros são semanários ou aparecem em intervalos ainda maiores.

Destes 25 jornais, 6 são escritos em língua alemã: 2 em Blumenau; 2 em Joinville e 2 em São Bento.

Com relação à idade, os jornais alemães estão bem na dianteira. O jornal mais antigo, atualmente, é o “Kolonie-Zeitung” de Joinville, aparecendo já há 47 anos. Seguem o “Blumenauer-Zeitung”, editado há 28 anos; o “Urwaldsbote”, editado há 16 anos e o “Joinvilenser Zeitung”, editado há 14 anos.

Somente então começam os jornais de língua nacional — a “Região Serrana”, editado há 12 anos em Lages. Na cidade de Itajaí, onde há poucos anos nenhum jornal tinha condições de sobreviver, existem agora 2 jornais: o “Novidades” e o “Farol”.

(Tradução: Alfredo Wilhelm)

SUL FABRIL Um nome que todo o Brasil conhece porque é etiqueta das mais afamadas confecções em malhas de qualidade inconfundível e que enriquece o conceito do parque industrial blumenauense
--

Os auxiliares do Dr. Blumenau, biografados por José Deeke

Segundo foi publicado no "Der Urwaldsbote", ano 33,
n.º 2 — fevereiro de 1926

(Conclusão do número anterior)

HEINRICH KROHBERGER

Nasceu a 11 de novembro de 1836 em Bayreuth e veio a 3 de setembro de 1858 para Blumenau, falecendo a 22 de abril de 1914, depois de uma atividade continua para a Colônia Blumenau, por 56 anos.

Como construtor de edificios públicos, igrejas, pontes, estradas, etc., como geometrista e agrimensor, Heinrich Krohberger prestou relevantes serviços ao Município e ao Estado. A ele devemos a confecção de vários e valiosos mapas do Município e Estado.

LOUIS SACHTLEBEN

Nascido a 4 de janeiro de 1835 em Quedlinburg. Veio a 18 de agosto de 1852, com a primeira grande leva de imigrantes (110 pessoas) da Alemanha para a colônia particular de Dr. Blumenau.

De profissão jardineiro, aclimatizou-se logo ao novo ambiente, aprendeu rapidamente o idioma nativo ao empregar-se em diversas fazendas brasileiras.

Sachtleben trabalhou como peão, diarista, derrubador de árvores, puxador e cortador de madeira e arrendatário de serraria na primeira época da colônia. Mais tarde tornou-se administrador da primeira sociedade de consumo, depois comerciante autô-

no, proprietário de serraria, exportador de madeira, etc. Na vida pública ocupou os cargos honorários desde a fundação da colônia como juiz municipal, de paz, como delegado de polícia e vereador.

Em 1892 foi para a Alemanha, para onde viajou incumbido pela Sociedade Fluvial Itajaí-Blumenau de mandar iniciar a construção do vapor "Blumenau".

A 6 de junho de 1895, foi surpreendido pela morte em Blankenburg, no Harz com 60 anos de idade.

OTTO STUTZER

Nasceu a 3 de fevereiro de 1836, na cidade de Seesen, Condado de Braunschweig e veio a 10 de agosto de 1856 com 20 anos de idade para o Vale do Itajaí. Casou-se aqui a 23 de agosto de 1860 e teve a ventura de, no dia 23 de agosto de festejar na companhia de sua esposa Therese, nata Bichels, as suas bodas de ferro. Ele pôde olhar para quase 70 anos de desenvolvimento da Colônia Blumenau e esteve durante este tempo, quase 40 anos, ocupado com cargos, às vezes honorários de juiz de paz, vereador, administrador do município, procurador, administrador de finanças e Superintendente. No dia 3 de fevereiro de 1926 completou 90 anos.

VICTOR VON GILSA

Nasceu a 13 de fevereiro de 1821 em Gotha e veio da Alemanha a 27 de julho de 1857 para Blumenau. Era oficial da artilharia prussiana. Aqui, em 1858, foi designado como professor e ocupou este cargo com breve interrupção e participação na Guerra do Paraguai, até o ano de 1872 quando morreu. Moradores mais antigos, que como meninos frequentaram a escola do Sr. von Gilsa, contam que foi um professor severo mas justo e agradece a ele o que o mesmo lhes ensinou. Poucos devem ser os seus alunos que ainda vivem, mas os que ainda vivem (1926), demonstram que frequentaram uma excelente escola.

DR. FRITZ MÜLLER

Nasceu a 31 de março de 1822 na casa pastoral de Windsholdshausen em Erfurt; veio em 22 de agosto de 1852 com esposa e uma filha. (Ana 3 a 4 anos de idade) para Blumenau. Foi até sua morte que ocorreu a 21 de maio de 1897 uma personalidade marcante da colônia. Sua vida e sua obra principalmente na área da ciência naturalista foi condignamente reconhecido em várias de suas obras.

Seria ultrapassar a margem de nosso número festivo se quiséssemos enumerar todos os que como pioneiros destacaram-se na colônia. Mas queremos ainda nomear alguns que sobressaíram nestes primeiros anos de fundação.

VICTOR GÄRTNER: sobrinho do Dr. Blumenau, foi o primeiro cônsul da Liga Norte da Alemanha, mais tarde Cônsul do Reino Alemão. O primeiro médico da

colônia foi DR. **BERNHARD KNOBLAUCH; WILHELM FRIEDENREICH**, cognominado Humboldt era veterinário, também dedicava-se à homeopatia, praticou estudos naturalistas e também ocupou por algum tempo o cargo de administrador. **HANS BREITHAUPT** foi agrimensor e **FRIEDRICH DEEKE** observador (dos indígenas) e mais tarde intérprete dos mesmos.

Num compêndio histórico ainda a ser escrito, muitos nomes terão destaque como colaboradores tardios de Dr. Blumenau e que cooperaram com o engrandecimento. Sem dúvida, o Dr. Blumenau deve o sucesso da sua colonização à excelente equipe de colaboradores que reuniu à sua volta.

PERIÓDICOS BLUMENAUENSES

Consideravelmente tarde, surgiu o primeiro jornal aqui em Blumenau. Era o "Blumenauer-Zeitung" fundado a 1.º de janeiro de 1881 por Hermann Baumgarten, que hoje (1926) ainda é editado em seus 45 anos. Pouco mais tarde, a 5 de abril de 1883, Bernhard Scheidemantel fundou o "Immigrant", que após a queda do império, desapareceu e como sucessor pode-se considerar o "Urwaldsbote". Outros semanários como o "Hansabote" e "Mitteilungen des Deutschen Schulvereins für Sta. Catarina" só tiveram curta duração. Há alguns anos circula o "Christenbote", órgão da Conferência Pastoral Evangélica que é muito lido. Além destes, existiam alguns jornais em idioma português mas que não conseguiram fixar-se. Atualmente circula um jornal em língua pátria. "A Cidade" (1926).

Visão sobre o desenvolvimento da Comunidade Evangélica de Blumenau

Dr. Blumenau, de imediato reconheceu em seu plano de colonização, a necessidade dos imigrantes de uma assistência religiosa. Nos primeiros anos, evidentemente, não foi possível concretizar esta necessidade. Se jovens casais quisessem casar naquela época, Dr. Blumenau pessoalmente, apesar de não existir o casamento civil, tratava do casamento, assim como registrava o mesmo em livro. Mas com a crescente imigração, a presença de um pastor evangélico fazia-se necessário. Os esforços do Dr. Blumenau foram coroados de êxito e o governo imperial declarou-se pronto a contratar um religioso evangélico.

Por intermédio do Dr. Blumenau foi encontrado no Pastor Oswaldo Hesse, natural de Wretschchen, condado de Hessen, a pessoa indicada. No dia 23 de julho de 1857, chegou o primeiro pastor evangélico a Blumenau. Como ainda tudo faltava, o que era necessário para uma organizada casa pastoral, o pastor hospedou-se na única hospedaria existente, a do Sr. Wilhelm Friedenreich, onde igualmente começaram os cultos. O primeiro culto foi rezado a 9 de agosto de 1857 no primitivo rancho dos imigrantes e que ainda por bastante tempo continuou como centro e abrigo religioso da comunidade.

Dr. Blumenau doou um terreno de 74.450 metros quadrados de área à comunidade. Ali foi construído em 1857 e 1858 uma casa pastoral. Mais tarde, lá foi erguida uma capela. Um cemité-

rio já anteriormente tinha sido instalado. Pastor Hesse trabalhou na organização da comunidade e também no erguimento de uma igreja. Pela primeira vez, em 8 de agosto de 1859, foi conclamado do púlpito uma contribuição pública para a planejada construção. Porém os trabalhos estenderam-se. Uma ordem Imperial de 10 de novembro de 1865, ordena a construção, mas somente a 23 de setembro de 1868 foi lançada a pedra fundamental. Até a inauguração, passaram-se 9 anos e somente a 23 de setembro de 1877 a comunidade pôde tomar posse da Casa de Deus.

Nos primeiros anos, o pastor Hesse reunia todos os domingos, os imigrantes para o culto. Com a crescente expansão da colônia, foi natural que se criassem estações de prédicas, onde em certos intervalos eram rezados cultos. Itoupava, Badenfurt, Pomerode, Benedito, Warnow e Encano foram as primeiras estações. Como Pastor Hesse foi por muito tempo o único pastor evangélico em Santa Catarina, mas a imigração também se estendia para o sul da província, o presidente, naquela ocasião incumbiu o mesmo também com o zelo dos evangélicos moradores em Santa Isabel e Theresópolis. Eram longas e difíceis viagens empreendidas pelo pastor. Hoje é difícil imaginar estas dificuldades que trazia o cargo de pastor naquela época. O cargo era tanto mais dificultoso porque havia outros transtornos que apresentavam-se na vida da comunidade.

Foi uma felicidade para a comunidade evangélica que o Pastor Hesse nunca esmoreceu. O que foi criado na comunidade de-

ve-se em grande parte à sua pessoa e seu esforço. Os que o conheciam descrevem sua pessoa como simpática, excelente orador e de coração aberto. Durante 22 anos esteve à frente da Igreja em Blumenau, mais anos que qualquer um de seus sucessores. Faleceu a 25 de novembro de 1879 e no cemitério de Blumenau encontrou seu repouso eterno. Desde a morte do Pastor Hesse atuaram como pastores da comunidade Evangélica Lutherana os seguintes pastores:

1880 — 1889	—	Pastor Sandrecki
1890 — 1906	—	Pastor Faulhaber
1906 — 1916	—	Pastor Mummelthey
1916 — 1917	—	Pastor Voigt
1918 — 1920	—	Pastor Gabler (administrou interinamente)
1920 — 1924	—	Pastor Neumann
1924 — 1925	—	Pastor Noack
Desde 19 de novembro de 1925, Pastor Licen. Schröder.		

A U T O R E S C A T A R I N E N S E S

Enéas Athanázio

ADAIR JOSÉ DE AGUIAR, **double** de advogado e poeta, homem muito lido e vivido, acompanha com atenção o que produzem nossos autores e às vezes escreve a respeito, como fez sobre meu livro "Tempo Frio", palavras que agradeço ao autor e peço vênias aos leitores para transcrever.

O CONTO MINIATURAL

O conto, literariamente elaborado, surgiu nas letras brasileiras durante o período do romantismo. A partir daí, a história breve encontra diversos cultores, desenvolve-se, evolui até fixar-se como gênero autônomo, com toda sua gama de características e peculiaridades e suas leis definidas.

Ganha foros de gênero literário e passa a enriquecer importantes obras de ilustres autores pátrios.

Segundo Edgar Cavalheiro, no romantismo, o conto é incaracterístico "uma coisa ainda informe e vaga", justamente por estar ainda começando, sem as suas dimensões exatas e destituído das propriedades disciplinadoras que o fariam, mais tarde, um gênero literário à parte.

Vegetava numa indecisão, em meio de uma nebulosa, a ponto de José de Alencar considerar "Cinco Minutos" apenas uma "história".

É paradoxal notar que, justamente no romantismo, palavroso, imaginativo, de generalizações sentimentais, prolixo, exuberante, de expansões derramadas, fosse surgir o conto com seus parâmetros de síntese, comedimento, contenção, narrativa de proporções reduzidas.

Como dizia Osmar Pimentel, "que implica no pudor de dizer apenas o necessário, para poder insinuar tudo".

Joaquim Norberto e Gonçalves de Magalhães, pioneiros da ficção narrativa de reduzidas proporções, estavam inseguros no assunto, pois denominavam suas tentativas de "romance" ou de "novela". Tempos depois, Machado de Assis, exímio narrador bem superior a muitos de sua época, ainda estava eivado dos vícios da prolixidade e do palavreiro, vícios que desbordam dos limites que o verdadeiro conto requer, como registro de fragmentos de vida, de episódios bem demarcados, análise psicológica, breve e recatada, de caracteres, profundidade de observação, desnudamento e revelação da alma humana.

O Conto, hoje, conquistou o seu espaço na literatura brasileira, não com a concepção puramente exterior, irrefletida, idealista e até desbragada, mas com a sinceridade e simplicidade da visão da arte e do mundo. Nem lhe carece aquele artifício da malícia que preside e embelece a construção técnica da ficção.

Em Santa Catarina, entre os nomes que despontam na vanguarda do conto, regionalista ou não, está o escritor Enéas Athanázio. Dentre a sua já extensa e variada obra literária (quinze anos de produção literária, quinze obras publicadas) o conto lhe tem merecido cuidado especial.

Agora mesmo, acaba de publicar "Tempo Frio" onde reúne vinte e dois contos de sua lavra, todos com a característica que lhe é peculiar: a síntese.

Em cada narrativa do escritor catarinense há, em miniatura, um quadro completo e fascinante de clareza, objetividade e sensibilidade. O dia-a-dia, pequenino e humilde, que estaria fadado a desaparecer no torvelinho das coisas comuns e perecíveis, avanta-se em verdadeira obra de arte, casando-se a beleza com a naturalidade, retratando a vida e os costumes do povo simples.

Enéas Athanázio é um inovador que reduz a um conto a extensão de uma vida. É o miniaturista da gente catarinense. Seus contos, interessantes e resumidos, sem o impacto eloqüente dos grandes desenlaces, têm a virtude da realidade e da leveza, assemelhando-se a uma aura mansa arrepiando suavemente o interesse do leitor.

O escritor está fazendo história, está marcando uma época. Eu chamaria o conto athanaziano de conto miniatura que é capaz de insinuar muito e dizer tudo em poucas palavras. Estilo sem complicações, transparente, trabalhado, escorre plácido como um regato cantarolando trinclidos de cristal.

Adair José de Aguiar

TEKA É uma sigla que se impõe pelo conceito adquirido no ramo têxtil blumenauense. Seus produtos da mais alta qualidade, se destacam não só no mercado interno, como no internacional. Já é tradição os consumidores nacionais e internacionais ligarem o nome TEKA a produtos indústrias têxteis da mais alta qualidade.

Dezoito meses na América do Sul e suas colônias alemãs

I Parte

(do livro de Friedrich Gerstäcker — volume 3, primeira parte das páginas 336 a 367 da obra, impressa em Leipzig por Hermann Costenoble, em 1863)

(Tradução de Edith S. Heimer)

“No início tudo correu bem, meu cavalo nadava muito bem e mesmo que uma vez ou outra uma onda passava por sobre sua cabeça, ele sacudia a água salgada de suas orelhas e continuava firme. Nós seguíamos ao lado com a canoa segurando as rédeas, e felizmente chegamos à outra margem. Todos em perfeito estado, mas muito cansados.

Depois de um merecido descanso aos animais, continuei a minha viagem até a cidade de Laguna que alcancei uma hora antes do escurecer.

A cidade de Laguna está realmente localizada num lugar muito bonito e mantém um imenso movimento com o interior. Além disso, um porto bastante seguro para pequenas embarcações.

Agora, no entanto, o lugar me parecia muito triste e desolado no qual não encontrava mesmo nenhum patrício e eu encontrei bastante dificuldade com meus poucos conhecimentos de português. E mesmo assim pretendia ficar aqui por um dia, para dar descanso a meus animais. Foi então que ouvi falar de um engenheiro alemão que esteve aqui por algum tempo para medir algumas terras e estava prestes a partir para Santa Catarina, onde morava. Como eu não conseguia encontrar um guia em Laguna, nada mais agradável do que pros-

seguir na viagem em sua companhia. A única dificuldade era localizá-lo porque já deixara a hospedaria, mas também nisso tive sorte. Encontrei-o e vi que o mesmo ficou bastante contente também por me ter como companheiro. Era um jovem alemão de boa família; seu nome era Sr. Brause. Partimos na mesma tarde para aproveitar ainda a luz do dia, e depois acampamos e finalmente meus animais tiveram seu merecido descanso.

Nosso percurso até Santa Catarina, para o qual levamos quase três dias, não mostrou nada de particular. Somente no que se refere à paisagem, esta, mudava sempre mais a seu favor, principalmente, no último dia quando passamos num lugar bastante habitado e apresentava a vista de muitas chácaras. Aqui já encontrei uma vegetação quase que totalmente tropical e cada núcleo da colonização possuía sua pequena plantação de cana-de-açúcar, seus pés de café, bananeiras e um verdadeiro jardim de laranjeiras em flor. Junto às casas encontravam-se maravilhosas flores entre as quais encontrei a velha conhecida rosa sinense, uma flor originária da Malásia.

Tão tranqüilo como esta paisagem atuava sobre minha pessoa, mais interessante foram os esclarecimentos de meu compa-

nheiro que já alguns anos trabalhava como agrimensor do Governo da Província e não se tinha fixado em nenhum lugar. Ele era exatamente a pessoa que podia me fornecer aquilo que mais me interessava: as condições das colônias alemãs da província.

Meu companheiro conhecia especialmente Blumenau, Dona Francisca e Brusque, pois havia feito medições nas terras destas colônias. Disse-me ainda que encontraria em Santa Catarina outras pessoas capacitadas a me fornecerem todas as informações desejadas. Além disso eu queria visitar estas colônias pessoalmente e não podia encontrar melhor ocasião para informações primárias. Por todos os cantos, aqui na terra, encontrávamos alemães morando, em grande maioria pessoas que vieram por conta do governo e depois abandonaram as colônias para se estabelecerem por conta própria.

Creio que sempre acontecerá uma manifestação significativa, quando os governos não cumprem com exatidão uma das cláusulas estabelecidas nos contratos com os imigrantes. Mas também a outra parte parece ser repreendida e é o seguinte: os próprios imigrantes alemães também bem pouco se importam com as cláusulas de seus contratos, quando se lhes apresenta uma oportunidade de melhoria.

Eu encontrei isto não só no Peru, Chile e os Estados de La Plata, mas também no Equador e agora igualmente no Brasil encontro provas neste sentido e para dizer em grande escala.

Uma grande maioria de imigrantes que vieram por conta do governo e na pátria aceitaram

com alegria e satisfação esta oferta de fixar-se numa determinada colônia e devolver futuramente, pouco a pouco, o dinheiro que lhes fora adiantado, quebravam o contrato sem qualquer remorsos tão logo que chegavam à nova terra e se lhes apresentava a oportunidade de trabalhar em sua profissão.

Que com esse contrato assinado envolviam também sua honra, e sentimentos de direito nem lhes passava pela cabeça. Na Alemanha, habituados a encarar o governo sempre com certa reserva, transportam esta opinião também a um governo estranho, que até o presente momento só lhes trouxe benefício e os forçavam diretamente à gratidão.

Não exagero ao afirmar isto, porque encontrei provas suficientes na Alemanha. Um colono na Alemanha nunca sentiria remorso em roubar madeira na floresta, pois "pertence ao governo e a este não faz falta", no entanto, em sua propriedade particular protestaria e nunca pensaria em fazê-lo. Que o caso também em terras do governo é um vil roubo nem se lembram, do contrário não o fariam perante a família.

Assim, ele também não pensa no compromisso assumido, de que com seu trabalho, somente em seu próprio benefício, levava o país a um progresso seguro, o que afinal os governos estrangeiros visam e logicamente quando a balança pende para o lado contrário o caldo entorna.

Que o governo realmente procura ajudá-los honestamente, não lhes entra na cabeça, pois tem muito pouca importância.

Perto de Santa Catarina fica localizada mais uma pequena co-

lônia alemã que mantém intenso intercâmbio com a ilha como com o continente. Parece que a partir daqui para o norte ou oeste, o alemão está representado e progre-

dindo constantemente, pois sempre quando se entrava numa casa de alemães percebia-se certo bem-estar, enfim, as pessoas viviam sem maiores preocupações.

A Família Bohn em Santa Catarina — III

Pe. Antônio Francisco Bohn

De acordo com os registros religiosos de casamento, batizados e óbitos que se encontram no arquivo da Cúria Arquidiocesana de Florianópolis, referente à Colônia Itajahy-Brusque, podemos precisar melhor as datas dos primeiros imigrantes da família Bohn para esta Colônia.

Graças ao auxílio e pesquisa do Sr. Raimund Geissler, da cidade de Karlsdorf-Neuthard, berço de origem dos imigrantes, que pude coletar uma relativa série de dados e datas. Deixando a Pátria Alemã, estabeleceram-se no que hoje é o Município de Guabiruba. A forma de apresentação dos dados, embora sintética, ajudará a cada membro desta família na elaboração de sua própria árvore genealógica.

Pela excelente escrita do Revmo. Pe. Alberto Gattone, que por uma série de anos atendeu a esta Colônia, o levantamento histórico torna-se bem mais seguro. Nomes, dados e datas, por vezes, são repetidos, uma vez que os dois primeiros artigos tratavam do mesmo assunto, agora melhor dispostos:

1. **JOÃO BOHN**, nasceu em Hambücken. Imigrou em 1859 com sua esposa Regina Beitschler e sua mãe Francisca Bohn, viúva. Seus filhos:

1. Ana Bohn (1.º livro de Batismos, n.º 19, p. 45).

* 14.09.1862

2. Sophia Bohn (1.º livro, n.º 41, p. 107).

* 26.05.1866

3. Adolpho Bohn (1.º livro, n.º 85, p. 137).

* 26.08.1867

4. Catharina Bohn (2.º livro — 1869-1876, n.º 1, p. 19).

* 11.12.1869

Todos estes são netos paternos de Francisca Bohn, viúva, e maternos de Wendelino Beitschler e de Magdalena Weitgemaier.

2. **JOSÉ BOHN**, nasceu a 02.04.1839, em Neuthard. Veio para o Brasil com 21 anos, católico, lavrador, agregado de Mathias Munich. Chegou na 4.ª leva (1860) para a fundação da Colônia Itajahy-Brusque. No 1.º livro de casamentos (1861 - 1880) assento 19, p. 14, encontra-se o termo de 10.06.1861. Casou-se com Francisca Mahl, nascida a 14.09.1832, em Wiesenthal.

Pais do esposo: João Bohn (* 21.12.1802) e Bárbara Köhler (Hambücken * 07.01.1801 † 15.05.1865).

Ascendência paterna: Sebastian Bohn (Hambücken * 20.04.1776

† 25.12.1852) e Anna Maria Saam Büchemau.

Peter Bohn (Hambücken * 18.08.1750 † 19.04.1820) e Margaretha Nun (Hambücken * 26.05.1744 † 21.05.1813).

Johann Peter Bohn (Hambücken * 12.12.1720 † 16.05.1772) e Magdalena Hereka * 1718 † 05.01.1775).

Mathias Bohn (* 01.04.1680 † 22.02.1749) e Maria Bárbara (* 1706 † 15.12.1731).

Pais da esposa: Francisco Mahl e Catharina Hänsler.

Filhos: Maria Tereza Bohn (1.º livro de Batismos: (1861 - 1871, n.º 17, p. 45) * 25.09.1862.

Catharina Bárbara Bohn (1.º livro, n.º 142, p. 149).

* 01.08.1865.

Brigitta Bohn (1.º livro, n.º 56, p. 132).

* 08.10.1867.

Maria Magdalena Bohn (2.º livro de Batismos, 1869-1876, n.º 76, p. 48.) * 10.08.1871.

3. **RAIMUNDO BOHN**, nasceu em 30.08.1853, na cidade de Hambücken e faleceu em 12.06.1934, na Guabiruba.

Imigrou em 1863 para a Colônia Itajahy-Brusque.

No 2.º livro de casamentos (1880 - 1897), assento 2.º, p. 12, encontra-se o termo de 25.01.1881. Casou-se com Catharina Schlösser, nascida e batizada na Colônia em 1864.

Pais do esposo: Franz Karl Bohn (Hambücken * 05.10.1825).

Veronika Reichert (26.03.1829).

Pais da esposa: José Schlösser e Emilia Becker.

Filhos: 1. Raimundo Bohn (4.º livro de batismos, n.º 377, p. 133).

* 18.10.1881 † 1899.

2. Catharina Bohn (4.º livro, n.º 204, p. 209).

* 17.09.1883.

3. Amália Bohn (5.º livro, n.º 114, p. 84).

* 29.03.1887.

4. Ana Bohn (6.º livro, n.º 47, p. 98).

* 24.09.1889.

5. Veronica Bohn (6.º livro, n.º 77, p. 167).

* 21.02.1892 † 18.10.1975.

6. Emília Bohn (7.º livro, n.º 546, p. 93).

* 01.11.1894.

7. Gregório Bohn (8.º livro, n.º 110, p. 87v).

* 14.10.1897 † 06.06.1978. Casou-se em 1922 com Amália Lang (* 07.07.1899 † 26.05.1979).

8. Clemente Maria Bohn (8.º livro, n.º 412, p. 189).

* 25.09.1900.

9. Isabela Bohn (?).

4. **BALTHAZAR BOHN**, nasceu em 13.05.1856, na cidade de Hambücken e faleceu em 01.09.1943, na Guabiruba.

Era irmão de Raimundo Bohn. Imigrou em 1863 para a Colônia Itajahy-Brusque. No 2.º livro de casamentos (1880-1897), assento n.º 07, p. 75, encontra-se o termo de 08.11.1885. Casou-se com Ana Krüger, nascida e batizada na Colônia em 1867.

Pais do esposo: Franz Karl Bohn (* 05.10.1825) e
Veronika Reichert (* 26.03.1829).

Ascendência Paterna: Theodor Bohn (* 10.11.1791 † 17.06.1847) e
Elisabeth Köhler (28.07.1792 † 22.02.1854).
Adam Bohn e Gertrud Zoek.

Pais da esposa. Franz Anton Krüger (que imigrou em 1864 de
Neuthard) e Catarina Betz.

- Filhos: 1. Francisco Bohn (5.º livro de batismos, n.º 394, p. 23v).
* 07.11.1885.
2. Felippina Bohn (nascida em 1887). Casou-se em 1911 com
Valentim Wippel.
3. Regina Bohn (6.º livro, n.º 398, p. 86v).
* 19.10.1890. Casou-se com Leão Billi.
4. Thereza Bohn (6.º livro, n.º 208, p. 6).
* 02.04.1889. Casou-se com Bernardo Fischer.
5. Olga Bohn (7.º livro, n.º 102, p. 11).
* 09.11.1892. Casou-se com Valentim Wippel (2.ªs núpcias).
6. Catharina Bohn (7.º livro, n.º 263, p. 76).
* 14.06.1894. Casou-se com Luiz Batschauer.
7. Pedro Bohn (8.º livro, n.º 192, p. 59).
* 29.06.1897 † 01.07.1964. Casou-se com Martha Schae-
fer (* 30.03.1903 † 12.06.1965).
8. Rosa Bohn (8.º livro, n.º 310, p. 141).
* 01.10.1899.
9. João Bohn (?).

5. **JOSÉ BOHN**, nasceu a 26.01.1819. Casou-se em 06.11.1849 com
Genovefa Heneka, nascida em 30.12.1822. Imigraram para o Bra-
sil, chegando a Guabiruba em 1867 juntamente com a filha Ida.

Filha: Ida Bohn, nasceu em 1852, em Neuthard.

Casou-se a 26.10.1891 na Capela do Lageado (2.º livro
de casamentos, n.º 61, p. 182) com Wendelin Ebele.

Pais da esposa: José Bohn (* 26.01.1819) e Genovefa Heneka
(* 30.12.1822).

Ascendência Paterna:

Franz Josef Bohn (* 24.03.1786 † 26.01.1857) e Bárbara
Weinmann (* 08.10.1795 † 24.01.1854).

Franz Peter Bohn (* 19.08.1750 † 19.04.1820) e Margaretha
Nun (* 26.05.1744 † 21.03.1813).

Peter Bohn (* 12.12.1720 † 16.05.1772) e Magdalena Heneka
(* 1718 † 05.01.1775).

Mathias Bohn (* 01.04.1680 † 22.02.1749) e Maria Bárbara
(* 1706 † 27.09.1745).

De acordo com os livros religiosos, estes são os registros que
pudemos levantar. As gerações mais jovens são, com mais facilidade,
identificadas.

Quanto à ascendência destes imigrantes e seus familiares resta,
todavia, muito a pesquisar.

A História de Blumenau na Correspondência dos Imigrantes

Carta escrita por Paulo Schwartzler à sua filha que se encontrava em Campinas - São Paulo. Paulo Schwartzler foi um destacado advogado que atuou na vida política e social de Blumenau

"Blumenau, 16 de julho de 1897.

Minha querida Paula!

Anteontem recebemos a tua carta e de Olga, datada do dia 4 deste mês. Pela mesma soubemos que lamentavelmente estivestes doente. Felizmente já superastes bem a febre gástrica e, esperamos que fiques agora com mais saúde e mais forte.

Desejava responder tua prezada carta de 11 e 18 de junho, mas, como tu escrevestes que Olga iria escrever nos próximos dias, fiquei aguardando para responder a ambas. No entanto, como Olga desistiu desta intenção, não quero deixar-te esperar por mais tempo.

As cartas de Lages, de vocês, ainda não recebi, e como Zittlow seguiu para lá há 10 dias, deverá voltar logo, irei recebê-las por intermédio dele.

Zittlow padeceu um intenso medo por causa dos bugres que assassinaram um lageano conhecido meu há algumas semanas passadas, na estrada para Lages e ainda devem estar por lá. Também próximo a Lages, mataram há alguns dias, uma mulher e um homem negro. Agora eles estão sendo perseguidos a partir de Lages e como lá existem bom caçadores de bugres, é provável que desta vez eles irão passar mal. Quando Zittlow descer, eu deverei subir.

Já descansei por 4 meses e pude cuidar-me bem, pois todo meu trabalho consiste em algumas escriturações para os registros mensais.

Minhas perspectivas para ser inspetor estão ruins. Neste ano devido à máxima economia, não serão feitas nomeações nem promoções; devo ficar satisfeito de ter sido nomeado no ano passado, pois agora não haveria mais possibilidade. Somente quando algum dos atuais inspetores for aposentado ou falecer. Tenho perspectiva de ser promovido mais cedo. Em relação a apanhar vocês em Jundiá, lamentavelmente não poderá ser, caso não surjam fatos inesperados, mas de qualquer forma, irei ou irá Mama, até Itajaí.

Nené já se encontra há 14 dias em Itajaí, nos Kondor; pediu permissão para permanecer mais algum tempo. Em todos os casos, ela necessita de maior convivência com passcas, pois é deveras acanhada.

Sábado passado houve novamente teatro, já pela segunda vez, desde que me encontro aqui. Foi encenado "Der Vetter", comédia em 3 atos e agradou muito.

Domingo, dia 18, a mesma será encenada publicamente.

No dia 21 de maio, faleceu Dr. Müller. Foi sepultado no dia

22. Proferi o necrológico conforme já lhe havia prometido várias vezes e seus remanescentes assim o desejaram. Minhas palavras foram publicadas no "Blumenauer-Zeitung".

Ainda não recebi a canoa encomendada; realmente não se pode confiar em brasileiros como esses. Reclamei mais de uma vez por intermédio de Zittlow, mas ainda não obtive notícias.

Nossas bananeiras já haviam crescido bastante. Em janeiro, veio a enchente que permaneceu 14 dias sobre elas e as touceiras altas apodreceram. Plantei novamente muçãs pequenas que estão se desenvolvendo bem. Os taiás também não ficaram bonitos como no ano passado.

Já colhi uma parte do café, e a outra está amadurecendo muito

lentamente devido ao frio.

Os dois papagaios estão nos causando muitas alegrias, especialmente um deles que é muito vivo e alegre. Ele fala muito bem, ri igual a Mama e assobia. Ele irá lhe proporcionar mais divertimento do que o ingrato Tito.

Há pouco tempo abatemos um porco e no próximo mês será a vez do outro. Ele mal consegue ficar em pé de tanta banha.

Agora que lhe contei tudo que poderia interessar, outras novidades certamente Mama lhe escreverá. Dê lembranças a Olga e seja tu também lembrada cordialmente por teu pai que a ama, Papa."

(Obs.: A tradução desta carta nos foi enviada pelo Sr. Knut Ewald Koster Müller, residente em Niterói — RJ).

Construções em Blumenau - 1901

Blumenauer-Zeitung, 31.8.1901. — "Apesar da calamidade financeira reinante em Blumenau, as obras de urbanização prosseguem em ritmo acelerado.

Imponente a casa em construção do Senhor Probst, nas encostas do "morro do aipim", em fase de conclusão.

Atravessando a ponte, confrontamo-nos com a grande obra do senhor Heletz, destinado a um hotel.

Um pouco mais adiante, na rua principal à esquerda, encontramos a construção nova do senhor Busch.

A casa do senhor Lenzi, na "Rua dos Fantasmas" (Gespensterstrasse), está quase pronta.

Depois temos na "Rua dos Herings" (Haeringsstrasse) a obra construída pelo pintor Hering, e, como fomos informados, será uma casa comercial para o senhor Husadel.

Seguindo, na "Travessia do Presépio" (Krippengasse), encontramos a casa do senhor Josef Deeke, em construção, como também a recém-terminada casa da senhora Currin.

Finalmente podemos ainda mencionar a pequena torre, que os laboriosos franciscanos estão construindo em cima de sua capela, dando ao convento um aspecto mais alegre."

(Tradução: Alfredo Wilhelm)

Acidentes rodoviários em Blumenau no mês de abril - 1988

Segundo dados fornecidos a esta revista pelo Sr. Júlio César Klock, chefe do Serviço Municipal de Trânsito, ocorreram, no mês de abril, na cidade e ruas urbanas de Blumenau, nada menos do que 262 (duzentos e sessenta e dois) acidentes, envolvendo veículos de diversos tipos.

O número coletado por aquele serviço é por deveras alarmante, uma vez que, pelo que se prevê, a tendência é a de aumentar, se continuarmos vendo o crescimento de veículos auto-motores circulando pela cidade e arredores, criando cada vez maior congestionamento no trânsito. A prefeitura, através de seus organismos específicos, inclusive o Serviço de Trânsito, que é integrante da Secretaria de Obras e Serviços Urbanos, tem envidado todos os esforços e realiza constantes estudos e alterações no sistema viário, visando melhorar a situação de escoamento. Todavia, a própria topografia da cidade não permite grandes êxitos nas medidas, a não ser que houvessem recursos suficientes para estabelecerem-se alguns viadutos de longo percurso. Estas, cremos, serão medidas que no futuro, terão que ser adotadas.

O número de acidentes ocorridos no mês de abril, como já frisamos, foi de 262, com as seguintes conseqüências: Total de feridos, 76 (setenta e seis); Vítimas fatais, 4 (quatro). Média diária de acidentes, foi de 8,7%.

As ruas em que houve maior número de acidentes, foram: Rua Amazonas, 24; Rua 15 de Novembro, 17; Rua 2 de Setembro, 11.

Apesar da estatística elevada, o Serviço de Trânsito conclui que, de janeiro a abril de 1987, ocorreram 1.182 acidentes, contra 1.065 no mesmo período em 1988, o que significa uma redução de 117 acidentes.

ESTATÍSTICA DO TRÂNSITO EM BLUMENAU

Caiu o número de ocorrências no trânsito de Blumenau, nos primeiros cinco meses deste ano, comparado ao mesmo período de 1987. Segundo levantamento do Serviço Municipal de Trânsito, este ano, de janeiro a maio, foram registrados 1.383 acidentes, contra 1.553 do ano passado.

"A queda — afirmou Júlio Klock, chefe do SMT — deve-se às providências adotadas pela prefeitura, modificando, sinalizando e implantando melhorias em todos os sentidos, visando diminuir o índice de ocorrências no município, objetivo este que está sendo alcançado".

Com relação ao mês de maio, também houve um decréscimo. Este ano foram 318 acidentes, contra 371 registrados em 87. Não fosse o mau tempo, com muita chuva, onde a visibilidade dos motoristas no período noturno chegou a zero, o número de ocorrências teria sido bem menor, afirmou aquele titular, acrescentando que nos acidentes do mês passado estiveram envolvidos 570 veículos, dos quais 45 motos.

FIGURA DO PRESENTE

HENRIQUE HERWIG



O perfil de Henrique Herwig, vendo-se ao fundo o prédio da Prefeitura, seu notável projeto.

Dentre as figuras que mais têm se destacado na comunidade blumenauense, nas últimas décadas, por assinalados serviços prestados ao município, está, sem dúvida, o Sr. Henrique Herwig.

Sua dedicação, seus sentimentos de apego à terra em que criou raízes e lhe permitiu desenvolver uma atividade constante em busca de uma situação tranqüila e compatível com os seus méritos, tornaram Henrique Herwig uma personalidade das mais estimadas nos diversos segmentos da sociedade blumenauense, tanto pelo seu cavalheirismo, como pela espontaneidade com que sempre se houve nos apelos a ele encaminhados para contribuir, com o seu admirável trabalho técnico em favor de associações, entidades e mesmo no setor público. Habilidade e inspirado desenhista, vocação que sentiu e desenvolveu desde muito jovem, Henrique Herwig, foi aperfeiçoando-se na prática e em ligeiros cursos realizados com arquitetos que lhe proporcionaram lições valiosas e, assim, chegou a uma admirável perfeição, que lhe dá, hoje, o título de

grande artifice na elaboração de projetos arquitetônicos, com expansão até em outras cidades do país, especialmente São Paulo.

Bela Vista Country Club, Guarani Esporte Clube, Grêmio Esportivo Olímpico, Sociedade Dramático-Musical Carlos Gomes, além de outros, são devedoras a Henrique Herwig, de apreciáveis trabalhos que gratuitamente realizou no campo arquitetônico em favor destas sociedades.

Em especial, é preciso destacar o projeto que elaborou para a construção da Prefeitura Municipal de Blumenau, uma obra suntuosa que foi calcada toda na projeção de Henrique Herwig e que, o mais meritório, nada custou aos cofres municipais, porque foi elaborada gratuitamente. Só isto bastaria para assinalar a característica de apego à cidade que o adotou, procurando sempre dar de si tudo o que estiver ao seu alcance para o bem da comunidade.

Henrique Herwig nasceu na cidade alemã de Kassel, no dia 27 de novembro de 1911. É filho de Georg e Catarina Herwig. Veio para o Brasil, com seus pais, dois irmãos, Wilhelm e Hans e a irmã Ana. A partida da família deu-se no porto de Hamburgo, tendo viajado a bordo do navio "Cap. Norte". A chegada no Brasil, porto de Santos, deu-se no dia 30 de abril de 1924. De Santos, viajaram pelo navio Itapiruna, da marinha costeira brasileira, aportando em São Francisco e finalmente Itajaí.

Em Itajaí, Henrique e seus pais, após o desembarço alfandegário, embarcaram no vapor "Blu-

menau", entrando assim, em contato com a exuberância das margens do Vale do Itajaí, até chegar ao destino, Blumenau. Depois de um bom descanso em Blumenau, a família Herwig seguiu seu destino e que era a localidade de Helena, interior de Ibirama. Seguiram então no trem que partia de Blumenau e tinha como seu ponto final, a estação de Hamônia.

A viagem de trem, na continuação do visual da deslumbrante região do Vale do Itajaí, foi muito agradável, tudo era novidade, pois a família estava conhecendo uma região das mais lindas do sul do país.

O trem chegou, finalmente, em Hamônia, desembarcaram e procuraram a condução que levaria Henrique e seus familiares para a localidade de Helena, aonde o Sr. Georg Herwig havia adquirido uma colônia.

A grande surpresa da família Herwig, a partir de Ibirama, foi a dificuldade enfrentada para chegar ao destino, uma vez que, não havendo estradas, os imigrantes tiveram que fazer o longo trajeto por picadão, enfrentando todas as dificuldades pela mata virgem adentro. A estafa foi grande, pois ninguém estava acostumado a tantos esforços.

Finalmente, chegando a Helena, a família Herwig ocupou as terras que havia adquirido.

Apesar de boas terras e local promissor, o Sr. Georg Herwig achou por bem não submeter seus pequenos filhos aos sacrifícios de uma vida primitiva, que era o que os esperava. Por isso, resolveu deixar seus filhos em Blumenau até que as coisas melhorassem e o progresso se aproximasse mais do sertão em que iria viver. Por isso, Henrique, com apenas 13 anos,

foi hospedado provisoriamente na residência do Sr. Fernando Budag. Seu irmão Wilhelm, hospedou-se na casa de uma família conhecida que residia à rua Itajaí, enquanto que Ana foi entregue aos cuidados da família Huscher. Só Hans é que ficou com os seus pais, decidido a enfrentar a dura luta que estava por ser iniciada.

O Sr. Ferdinand Budag, em cuja casa ficou hospedado o jovem Henrique, era muito conhecido em Blumenau, e tinha o apelido de Salzbudag, pelo fato de trabalhar com refinamento de sal, na técnica mais aperfeiçoada da época, embora fosse, em relação à época atual, primitiva. A residência de Budag era na rua Pastor Oswaldo Hesse e uma das principais tarefas que Henrique desempenhou desde os primeiros dias, foi a de fazer entrega de leite a fregueses residentes na cidade.

Henrique permaneceu com a família Budag durante dois anos. Aos 15 anos regressou para a residência de seus pais em Helena. Nesta altura, a família já estava melhor instalada e em franco desenvolvimento na atividade agrícola. Embora toda a família se atirasse à faina agrícola, Henrique foi o que não se interessou por aquele trabalho, especialmente o de capinação. Por isso, autorizado por seu pai, ele agrimensor prático na Sociedade Hanseática de colonização, curso este em que foi muito bem sucedido, tanto assim que, ao completar 16 anos, já estava trabalhando no serviço de medição de terras, atividade que desempenhou até os 18 anos, tendo então, adquirido muita prática no serviço, tornando-se um verdadeiro técnico.

Não contente só com a profissão adquirida, resolveu apren-

der o serviço de pedreiro, visando com isso, alcançar boa posição, mais tarde, num centro que oferecesse maiores possibilidades de progredir.

Tornou-se, na profissão de pedreiro, um verdadeiro artífice. Nessa profissão, ele teve a inspiração e descobriu sua vocação para o desenho. E sua primeira obra, que poderia ficar na história da arquitetura, foi a de desenhar o modelo de uma casa para ser construída para a sua família. E sabem, como Henrique fez o desenho? Não havia lápis e nem papel para o desenho da casa. Por isso, ele resolveu fazer o desenho arquitetônico da casa, gravando suas marcas sobre uma tábua bem lisa. Muniu-se de um ferro com ponta bem fina e, esquentando a ponta do ferro no fogo, ele foi queimando a tábua, no risco que fazia para desenhar a futura casa de seus pais. O projeto foi aproveitado logo que possível, e a casa da família Herwig foi construída e ainda existe na localidade de Helena.

Aquele foi o primeiro projeto o mais tarde inspirado projetista Henrique Herwig.

Depois de trabalhar intensamente na profissão de pedreiro e também elaborando alguns projetos residenciais, Henrique Herwig, ao completar 20 anos, resolveu fixar-se em Blumenau, em busca de melhor progresso. Logo que chegou, empregou-se na firma Schneider & Tiefensee, desenvolvendo então a profissão de pedreiro, tornando-se excepcional obreiro em finos acabamentos. Aquela firma em que Henrique Herwig trabalhou, construiu várias importantes obras em Blumenau, inclusive alguns dos blocos do quartel mi-

litar no Garcia. Nesta altura, Henrique já havia sido promovido, naquela firma construtora, a contramestre de obras.

Enquanto trabalhava naquela construtora, Henrique fez estudos noturnos de desenho, com o arquiteto Ricardo Kaulich e seu pai.

A partir da conclusão do curso que fez com o arquiteto Kaulich, Henrique Herwig começou uma brilhante carreira de projetista-prático. Trabalhou no setor de arquitetura da Prefeitura durante quatro anos, inclusive no período de governo de José Ferreira da Silva. Durante o período em que trabalhou na Prefeitura, Henrique Herwig foi designado para fazer levantamentos cadastrais dos distritos de Massaranduba e Pomerode, o primeiro tinha como intendente o Sr. Passold e o segundo era dirigido por Arnoldo Hass.

Com a deflagração da guerra (1939/1945), Henrique Herwig, por ser alemão nato, foi demitido, junto com outros, entre eles José Pelzmann.

Em face disso, fez sociedade com o arquiteto Gil Fausto de Souza e o engenheiro Antonio Victorino Avila Filho, desenvolvendo intensa atividade profissional e que lhe grangeou ainda mais conceito na comunidade.

A sociedade teve sua duração enquanto durou a guerra. Depois de 1945, Henrique Herwig passou a trabalhar por conta própria. Embora fosse, como é, um dos mais inspirados e completos técnicos em arquitetura, projetos, etc., ele não podia assinar os projetos que elaborava e por isso tinha que pagar alguém formado para fazê-lo. Por isso, envidou os maiores esforços para financiar

os estudos de seus dois filhos, (Heinz, engenheiro e Rolf, arquiteto), no sentido de que se tornasse independente da vontade de terceiros. Os dois rapazes conseguiram os objetivos do pai.

Henrique Herwig foi pioneiro em muitos projetos de arquitetura típica de enxaimel em Blumenau, cuja campanha para os incentivos de preservação daquela arquitetura começou a partir do governo do Sr. Evelásio Vieira.

Henrique Herwig fez inúmeros projetos graciosamente para diversas obras públicas, destacando-se o da atual Prefeitura, assim como para a Sociedade Guarani, para o G. E. Olímpico, Bela Vista Country Club, sendo que neste último foi homenageado com a denominação de uma das trilhas que ali existem de "Heine-Strasse". Foi o autor dos projetos de abrigos para ônibus, oferecendo tais serviços graciosamente ao poder público.

Uma das obras mais importantes de sua carreira de projetista, Henrique Herwig realizou para o atual prédio da Casa Moellmann. Para elaborar o projeto, Henrique Herwig inspirou-se no modelo do prédio da prefeitura de Michelstadt, em Odenwald, Alemanha Ocidental. O prefeito daquela cidade, Sr. Erwin Hasenzahl, ao tomar conhecimento do trabalho executado por Henrique Herwig e conhecer a obra realizada pela Moellmann Comercial S/A, informação esta que lhe foi fornecida pelo Sr. Mathias Steinert, amigo de Herwig, dirigiu-lhe uma carta em que manifesta seu reconhecimento ao projetista blumenauense pelo notável trabalho executado. Diz o prefeito de Hasenzahl, entre outras coisas, o seguinte:

"Meu prezado Senhor Herwig. Através do seu amigo, Sr. Mathias Steinert, de Höchst/Odenwald, tomei conhecimento da construção de uma loja em estilo enxaimel na sua bela cidade de Blumenau, para a qual a nossa prefeitura serviu de modelo. De posse de documentos que o Sr. Steinert me entregou, pude constatar e também me convencer que há um paralelo com nossa prefeitura do ano de 1484. Muito estimado Sr. Herwig, o Sr. pode imaginar o quanto me alegrei e a respeito me reportei às entidades representativas de nossa cidade. Na Câmara de Vereadores também houve alegre receptividade à bem sucedida obra e desejo cumprimentá-lo cordialmente".

Herwig fez parte da diretoria da SDM Carlos Gomes durante 17 anos. Foi membro da Comissão de Ajardinamento do Município, no governo de Evelásio Vieira e deu todo o apoio, sem qualquer remuneração, a obras municipais no governo de Renato Vianna, que culminou com o projeto da nova prefeitura, e inclusive foi Conselheiro da PROEB durante vários anos. Foi o autor do projeto da nova casa da Fundação "Casa Dr. Blumenau", membro da Comissão de Construção da mesma e fiscalizou, gratuitamente, as obras do prédio até seu final.

Aos 29 anos de idade, ou seja, em 12 de agosto de 1941, Henrique Herwig encontrou aquela que haveria de ser sua eterna namorada. Casou-se naquele dia, com a então Srta. Mirna Socher. Deste consórcio, teve a alegria de ver nascer os filhos Heinz Georg, Rosemarie e Rolf Augusto. Todos os três filhos estão formados em

curso superior, os dois rapazes um arquiteto (Rolf) e o outro engenheiro civil (Heinz), e Rosemarie é formada em letras. Heinz é casado com Mirian, nata Schneider e possui dois filhos; Rolf é casado com Iara, nata Vargas e também possui dois filhos; Rosemarie é solteira. Portanto, Henrique e dona Mira, possuem quatro netos.

O casal Herwig sempre residiu em Blumenau e na mesma casa até os dias de hoje, se bem que a casa primitiva foi dando lugar à residência de hoje.

Por volta de 1976 foi fundada a firma Lindner, Herwig, Shimizu, empresa de arquitetos e da qual passou a fazer parte Henrique Herwig, juntamente com seu filho arquiteto Rolf. A secção destinada a elaborar projetos em estilo típico, ficou sob a orientação de Henrique.

Durante todos estes anos até esta data, Henrique Herwig elaborou cerca de 4.000 projetos, inclusive um para construção nos Estados Unidos, ou seja, a residência dos Mrs. Tankerslei.

Após a inauguração do novo prédio da Prefeitura, do qual ele foi o projetista e o fez gratuitamente, Henrique Herwig recebeu

dos mãos do prefeito Renato de Mello Vianna, exatamente no dia de seu aniversário, uma placa de prata com os seguintes dizeres: "A Henrique Herwig, artífice de uma cidade mais bela e humana, a imorredoura gratidão dos blumenauenses. — Renato de Mello Vianna, prefeito Municipal — 27/11/1981.

Hoje, aos quase 77 anos de idade, Henrique Herwig continua desenvolvendo sua atividade de projetista junto à firma da qual faz parte e usufrui os momentos de aconchego no seu lar junto à sua esposa e fiel companheira dona Mirna, acalentados ainda pela presença junto a eles de Rosemarie. E, em momentos muito frequentes, o casal tem a felicidade de sentir-se rodeados pelos seus quatro netos, um deles, filho de Heinz, já atingindo a maioridade.

Se todos os que têm desenvolvido e outros que ainda o fazem, atividades tão beneficentemente dedicadas ao bem da comunidade, como tem feito Henrique Herwig, pode-se afirmar que Blumenau é, realmente, uma cidade em que os aqui residentes sabem retribuir com trabalho e respeito, ao acolhimento que dispensa a todos os que aqui vivem.

INDÚSTRIA NACIONAL

(Blumenauer-Zeitung, 29.1.1915): Ainda pouco conhecido — e por isso oportuno de ser mencionado —, é que a Fundação Garcia (Probst), já está fornecendo sinos de igreja, da mais alta qualidade.

Há alguns dias saiu desta fundição o maior sino já fabricado por esta firma: 110 quilos e destinado à igreja de Florianópolis.

A aparência magnífica e o tom harmonioso do sino, são uma honra para a Fundação Garcia de Blumenau.

<p>CREMER Produtos têxteis e cirúrgicos. Conserva através dos anos o conceito de qualidade superior no que fabrica, garantindo com isso um permanente mercado absorvente nas Américas e noutros continentes, levando em suas etiquetas o nome de Blumenau.</p>

O Primeiro Clube Carnavalesco de Blumenau

"1897" (?)

Blumenauer-Zeitung, 6.3.1897. — O desfile carnavalesco realizado no domingo, dia 28 de fevereiro de 1897, apresentou-se muito melhor do que se esperava. Considerando, que a idéia surgiu somente no dia 25, o resultado foi além de satisfatório. Mais do que isso não era possível de realizar em três dias e ainda num lugar, onde todo o material necessário para o evento faltava.

O desfile foi aberto por um arauto portando um estandarte. Um palhaço montado num cavalo ia adiante, anunciando a chegada do desfile. Um grupo de sete índios, a cavalo e bem caracterizados, foi lastante aplaudido. Uma carroça, levando uma canca cheia de água, na qual se dinamitavam pedras (uma critica aos melhoramentos no Belchior). Seguiam cavaleiros, revolucionários e outros. Um carro, seguido por um general a pé, simbolizando a artilharia dos revolucionários. Mulheres a cavalo ameaçavam de vez em quando o público, para desimpedir a pista bloqueada. Um carro alegórico, ocupado por diversas pessoas, levava uma placa com os dizeres "Dr. Eisenbart & Comp." (figura folclórica na medicina). Dos principais instrumentos cirúrgicos viam-se: Uma seringa enorme, alicate, martelo, machadinho, serrote, etc. Um chicote trazia uma etiqueta: aparelho electrizador. Seguiam os "lageanos" da classe alta e da classe humilde: os primeiros em seus trajes típicos de luxo e suas selas e arreios prateados; os outros com as suas vestes simples de dia-a-dia. Na seqüência passava um carro — também bastante aplaudido — representando a iluminação elétrica: entre uma escada dupla, na ponta dum poste, estava instalada uma lanterna dum carro de mola, com a sua luz nem sempre acesa. Um menino, manobrando um velho torrador de café, representava um dinamo, enquanto um inglês — de tempo em tempo — tentava alimentar a chama por meio de um fole. Um outro carro levava um grupo de pessoas, das quais uma nos foi indicado como o "Juca-Tigre em trajes de gala". Este carro era seguido por diversos cavaleiros, criticando e caracterizando pessoas públicas. O desfile terminou com dois carros, dos quais o primeiro levava um casal de noivos espanhóis, enquanto o outro levava dois árabes.

Toda a festividade foi bem recebida e terá como conseqüência a fundação dum clube de carnaval. Este irá planejar e organizar os festejos carnavalescos dos próximos anos.

Blumenauer-Zeitung, 20.3.1897. — Sob a denominação de "Filhos do Inferno" foi fundado aqui um clube de carnaval. — O clube desde já conta com um número significante de sócios. — O diretório foi formado pelas seguintes pessoas: Francisco da Cunha Silveira, Francisco Margarida, Hermann Baumgarten, Erich Gaertner, Richard Scheffer, Leopoldo Knoblauch e Jacob Schmidt.

(Tradução: Alfredo Wilhelm)

OS TEMPOS NÃO MUDARAM...

Vejamos o teor de uma carta que Carlos Hoepke escreveu ao Dr. Blumenau no ano de 1898, quando este já se achava em Braunschweig e aquele residia temporariamente em Hamburgo.

“Hamburgo, 8 de outubro de 1898.

Meu caro Dr. Blumenau!

Muito obrigado pelas suas cordiais felicitações de 4 do mês corrente. Assim também a última filha está deixando a casa paterna. Mesmo considerando que tudo está bem e correndo conforme os nossos desejos, resta porém a gota amarga da grande distância que nos separa. Em janeiro ou fevereiro próximo, a minha esposa e eu, viajaremos sozinhos para o Brasil, visto que o nosso filho mais novo ficará na escola de Dresden. Estou certo que o senhor bem compreenderá, que sob estas circunstâncias nos era — e também será — impossível de visitá-lo, pois trata-se de uma longa e difícil viagem que teremos de enfrentar.

Infelizmente o meu irmão Paul, de Weimer, está passando bem mal. Desde o início do ano ele está sofrendo do estômago e, lamentavelmente, o mal está com aparência de caráter maligno.

Com referência ao câmbio, acredito que já passamos o pior, podendo ele talvez subir mais alto do que “9”. — Por quê? Pois é — também não sei dizer. O meu único argumento talvez é, que todas as Repúblicas Sul-Americanas estão em bancarrota e eu não vejo motivo algum, para que o Brasil, igualmente em bancarrota, deveria ter um câmbio pior do que todos os outros países em igual situação.

O plano monetário Campo Salles parece ser excelente, prometendo melhorar a situação financeira. Mas para conseguirmos uma situação duradoura, seria preciso: levantar um dique contra a corrupção reinante em toda a administração do Brasil. Mas, infelizmente não consigo acreditar nisto. Bem, após o término do tratado atual, talvez seja criado uma espécie de tutela, em forma duma comissão de finanças. Talvez seja esta a única solução.

Considero a “crise do café” muito séria. Ao meu ver, confrontamo-nos com uma baixa, provocada por uma super-produção geral. Com a alta do câmbio, o assunto tornar-se-á ainda mais grave para o Brasil e, sem dúvida alguma, muitos fazendeiros irão à falência e os institutos financeiros brasileiros terão grandes prejuízos. Mas o que é são e bom, um dia acabará por vencer estes tempos desastrosos, mesmo se perdurem ainda por anos — assim eu penso.

Tudo de bom para o senhor e seus entes queridos, receba um abraço sincero de mim e de minha família,

Carl Hoepcke”.
seu “velho”

Aconteceu...

Maio de 1988

— DIA 2 — A FURB entrou para os seus vinte e cinco anos de instalação no ensino superior de Blumenau, realizando rica exposição com fotos, documentos e material jornalístico.

* *

— DIA 2 — Informou o Serviço de Imprensa da Prefeitura, que Rubens Belli, aluno da oitava série da E. B. M. "Alice Thielle", foi o vencedor do Concurso de Cartazes alusivo à Terceira Feira Internacional de Ciência y Tecnologia Juvenil, VII Feira Estadual de Ciências de Santa Catarina e IV Exposição Científica e Cultural de Blumenau.

* *

— DIA 5 — No Museu de Arte de Santa Catarina, realizou-se o coquetel de abertura da exposição artística denominada Ciclo de Maio.

* *

— DIA 5 — Com palestras e outras solenidades, a ACAPRENA — Associação Catarinense de Preservação da Natureza, registrou a passagem de 15 anos de intensa atividade, e que tem como sócio n.º 1 e primeiro presidente o blumenauense Lauro Bacca, um dos grandes batalhadores pela preservação do meio ambiente no Estado e no país.

* *

— DIA 7 — No "Elke Hering Atelier", à rua Hermann Hering, realizou-se a solenidade do lançamento do livro "Contos e Mitos dos Índigenas Brasileiros", um livro ricamente ilustrado por Waldemar Andrade e Silva. A importante obra foi idealizada pela Sra. Brigitte Goller, de Freiburg.

* *

— DIA 9 — Vitima de acidente rodoviário, faleceu o jovem Edson Fischer, o mais destacado ciclista catarinense e cuja participação nas Olimpíadas de Seul já estava praticamente assegurada. O sepultamento do jovem desportista, teve a participação de grande número de pessoas que integram a comunidade de Pomerode.

* *

— DIA 10 — A imprensa blumenauense noticia a performance obtida pelo atirador blumenauense Wilson Scheidemantel, que chegou entre os três primeiros classificados na Copa Mundial de Tiro, disputada no Rio de Janeiro.

* *

— DIA 12 — Comunicado do Serviço Municipal de Trânsito, informa que registrou-se um decréscimo de acidentes em abril com re-

lação a março. A informação do chefe daquele serviço, Sr. Júlio Klock, adianta que aconteceram 262 ocorrências, sendo 48 menos do que no mês anterior. Nos acidentes de abril estiveram envolvidos 451 veículos, quando em março chegou a 644. Ainda segundo as informações, as ocorrências de abril envolveram 29 mctos, sendo 38 menos do que em março. Os referidos acidentes tiveram como resultado 76 pessoas feridas e quatro mortos, sendo uma na Avenida Beira Rio, outra na rua Itajai, um na Rodovia Guilherme Jensen e o último na rua 2 de Setembro.

* *

— DIA 12 — Cerca de 155 animais das raças Jersey, Holandesa vermelha e branca, preta e branca, Nelore e Gir, estiveram expostos na Quinta Feira Estadual e a Nona Feira de Gado Regional de Blumenau, cujo acontecimento teve lugar no pavilhão “João Demaria Cavallazzi”. A exposição permaneceu até o dia 15, com diversas outras atrações.

* *

— DIA 20 — Foi inaugurada a Capela e Câmara Mortuária “Frei Fulgêncio”, edificada na entrada do cemitério São José. O ato contou com a presença de autoridades e outras pessoas da comunidade católica.

* *

— DIA 20 — O Clube de Pára-quadistas “Ícaros do Vale”, anunciou que adquiriu um avião “Cessna” modelo 180, para seis pessoas e destinado aos saltos da equipe do Clube, assim como servirá como avião-ambulância.

* *

— DIA 20 — No Auditório do Palácio Cruz e Sousa, em Florianópolis, teve lugar a Sessão Comemorativa do Centenário da Abolição da Escravatura, assim como o lançamento da Revista do Instituto, de n.º 7, relativa aos anos 1986/87 e do Boletim n.º 1.

* *

— DIA 20 — No hall da Prefeitura de Pomerode, teve lugar a solenidade de abertura da Exposição denominada “Auto-Retrato de Santa Catarina”, e Projeto de Nossa Gente, uma brilhante iniciativa que conduziu ao local numeroso público.

* *

— DIA 24 — Na sede do Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico Paranaense, em Curitiba, à rua José Loureiro, realizou-se tocante solenidade comemorativa ao 88.º aniversário de sua fundação, ocasião em que também foi lançado o livro “Genealogia da Família Bley” e ainda foram admitidos novos sócios daquele órgão cultural, den-

tre eles a historiadora catarinense Maria do Carmo Ramos Kricger Goulart, destacada colaboradora de "Blumenau em Cadernos".

* *

— DIA 28 — Em concorrida reunião realizada no Salão Porta Aberta, ao lado da Matriz São Paulo Apóstolo, foi criada a Associação Blumenauense de Pessoas Portadoras de Deficiência Física, visando com isso fortalecer a união da classe e lutar pelos seus direitos dentro da comunidade.

Naturalização do Padre José Maria Jacobs

Fonte: Fundação Genésio Miranda Lins.
Livro de Naturalizações. Pac. n.º 20.
Itajaí, maio/1988.

Termo de Naturalização do Padre José Maria Jacobs

Aos quatro dias do mês de dezembro do ano do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo, e de mil oitocentos e oitenta e dois, sexagésimo primeiro da Independência e do Império, nesta cidade de Itajaí, da Província de Santa Catarina e no Paço da Câmara Municipal onde; presente se achava o Presidente dela, o Cidadão Guilherme Asseburg, comigo Secretário da mesma Câmara, aí compareceu o Padre José Maria Jacobs, Vigário da Freguesia de São Paulo, de Blumenau, filho legítimo de Reinér Jacobs e de Anna Maria Constância Jacobs, nata Müller, nascido em 16 de maio de 1832 em Biren, Província do Reno, do Reino da Prússia, de Religião Católica Apostólica Romana e pela mesma foi declarado que de sua livre e espontânea vontade queria se naturalizar Cidadão Brasileiro nos termos da Lei que confere essa faculdade, pelo que lhe foi recebida a sua declaração, e pelo Presidente deferido o juramento de que foi naturalizado e de livre vontade e sem constrangimento algum; depois de prestado o dito juramento sobre um livro dos Santos Evangelhos, em seguida, prestou no mesmo livro o juramento de obediência ao Imperador; a Constituição e mais leis do Império; ferido o que e para constar, mandou o Presidente lavrar este termo que assina com o declarante. Eu, Francisco Victorino da Silva, Secretário, o escrevi.

Guilherme Asseburg
Pe. José Maria Jacobs, Vig.º

CIA. HERING O pioneirismo da indústria têxtil blumenauense e a marca dos dois peixinhos, estão integrados na própria história da colonização de Blumenau e o conceito que desfruta no mundo todo é fruto de trabalho e perseverança em busca do aprimoramento de qualidade.

As viagens (de automóvel) em 1913

Blumenau-Curitiba, em 15 horas!

(Blumenauer-Zeitung, 20.9.1913): Vindos de Curitiba, chegaram a Blumenau, na noite de terça-feira (8 horas), os senhores Celestino Júnior, Heitor Lobo e Francisco Fontano. — Os viajantes — pernoitando no Hotel Holetz — fizeram a viagem num automóvel de 30 H.P., da famosa fábrica de Benz-Gaggenau, de Baden/Alemanha.

Passando por Campo Alegre, Joinville, Jaraguá e Rio Testo, levaram de Curitiba até Blumenau 15 horas: de Curitiba a Joinville — 8,5 horas; de Joinville a Jaraguá — 2 horas e de Jaraguá (Rio do Testo) a Blumenau — 4,5 horas. — Mesmo tratando-se de tempo chuvoso, o automóvel conseguiu subir valentemente o morro “Luzberg”.

Os senhores viajantes, em visita à nossa redação, mostraram-se encantados com a boa impressão que tiveram do Município de Blumenau — sua região rural e urbana —, em especial a construção de bonitas casas, as plantações e o gado do Rio Testo.

Um dos viajantes, o senhor Celestino, é o sogro dum blumenauense — o farmacêutico Hugo Riedel Júnior.

Blumenau-Florianópolis, em 8 horas!

(Blumenauer-Zeitung, 6.12.1913): Na semana passada os senhores Juiz de Direito Dr. Pedro da Silva e os Deputados Estaduais P. Ch. Feddersen e P. Zimmermann viajaram a Florianópolis, retornando em seguida. A viagem foi feita no automóvel do senhor Balsini, e levou de Blumenau ao Estreito (Florianópolis) 3 horas.

O jornal “O Dia”, mencionava esta viagem como um “recorde” — possibilitado somente pelas excelentes estradas construídas durante o governo do Coronel Vidal Ramos.

A viagem do Estreito — passando por Tijucas, Brusque, Blumenau, S. Bento — até Rio Negro, já pode ser feita num dia. Da mesma maneira até Joinville.

BANCO DO ESTADO DE SÃO PAULO S. A.

Banespa

— Um dos colaboradores nas edições desta revista —

IDA KNOLL - A poetisa teuto-brasileira

Artigo escrito pelo Pastor Dr. Aldinger, no "Calendário para os Alemães no Brasil, Editora Rotermund & Cia. de S. Leopoldo - RGS em 1929

Entre o respeitável grupo de alemães e teuto-brasileiros que destacaram-se no Brasil encontramos poucos pertencentes ao sexo feminino

Um excelente livrinho sob o título "Deutsche Charakterbilder aus der brasilianischen Geschichte" (Caracteres alemães na história brasileira), a Sra. Sommer relata a vida e atos de Hans Staden e Ulrich Schmiedel, sobre Manoel Beckmann, tenente Böhm e Major Müller, os dois Bornhagen e ainda uma série de outras pessoas, mais a vida de uma mulher: Leopoldina, Grã-Duquesa da Áustria, Imperatriz do Brasil. A. Gertsch decorou sua edição centenária com uma série de gravuras de famosos personagens, mas nenhuma mulher.

No céu teuto-brasileiro surgiu durante a I Guerra Mundial uma estrela brilhante de primeira grandeza: Maria Kahle. Ela cantava, declamava com perfeição tudo que podia comover um coração alemão daquela época. Fosse a beleza da terra, da floresta virgem, o céu, tudo a encantava. Mas mesmo assim precisamos dizer: Maria Kahle é uma poetisa alemã no Brasil, mas Ida Knoll é uma poetisa teuto-brasileira. Certamente seu berço também foi o Taunus na Alemanha, a antiquíssima cidade de Cronberg. Nasceu ali a 6 de outubro de 1835, como filha do professor Georg Josef Monken e sua esposa Margarete, nata Gerstner. Seus antecessores por parte de pai foram por gerações, professores e por parte da mãe, guardas-florestais. Sua infância transcorreu num ambiente tranqüilo e dedicado à beleza da natureza e à música. Casou com o professor Christian Knoll e transferiu-se mais tarde com a família para Frankfurt, onde seu marido faleceu.

Passando necessidades e abandonada pelas ricas famílias onde o marido lecionara, resolveu emigrar para o Brasil. Na nova terra, procurou estabelecer-se em Santa Catarina, mais precisamente no sul. A filha é esposa de professor e tornou-se igualmente professora numa colônia na floresta brasileira. Foi mais ainda, a intérprete fiel do que movia e sentia o coração alemão de um imigrante. Escreveu sobre a saudade que doía, do rugir das ondas e do canto nas folhagens das palmeiras. Descreveu as alegrias maternas, suas tristezas e desilusões no livro "Sklaverei — Schwarze Haut" (Escravidão — Pele Negra); a religiosidade descreveu no livro "Ave Maria, Heilige Messe" (Ave Maria — Santa Missa), como também sobre acontecimentos históricos como em "Burenkrieg — Napoleon auf Sta. Helena" (A Guerra do Buren — Napoleão em Sta. Helena). Suas poesias e esboços são encontrados nas edições antigas do "Rotermund Kalender" e "Musterreiter Kalender", entre outros. Suas obras esperam por um colecionador. Seria de aplaudir que fossem reunidos por mãos de mulher que reco-

nhceria bem mais esta alma de lutadora e poetisa. São preciosos documentos sobre a época passada. Se os nomes de Karl von Koseritz, Hans von Frankenstein, Dr. Rotermund, A. W. Sellin, Ernst Neiemeyer, José e Emma Deeke são lembrados, então o nome desta mulher merece também seu lugar na galeria de escritores teuto-brasileiros.

Faleceu Ida Knoll em idade avançada no dia 29 de junho de 1919 em Florianópolis. O nome vive em seu filho Georg Knoll, que herdou o talento poético e de escritor da mãe. Seu filho tornou-se também conhecido ao público por seus livros e suas poesias, amplamente divulgados nos almanaques e calendários em idioma alemão.

(Tradução: Edith Sophia Eimer)

Polêmica entre Fritz Müller e Friedenreich

Extraído do “Blumenauer-Zeitung”, de 23/09/1882 — n.º 39

Para nossos leitores que se encontram afastados da vida da cidade, seja dito que o artigo publicado no “Immigrant” n.º 9, deturpando totalmente as palavras do nosso distinto cidadão, Dr. Fritz Müller, revoltam a todos. Deixando a cargo do mesmo o esclarecimento e a sua defesa, expressamos porém aqui nossa pública repulsa pelo artigo publicado. Sabemos que o intrigante do “Eden blumenauense” devemos procurar um lugar bem oposto.

Blumenau, 31 de maio de 1883.

Assinam as seguintes pessoas: H. Probst — Victor Gärtner — Dr. W. Eberhard — Julius Baumgarten — Louis Sachtleben — H. Avé Lallemand — Dr. H. Blumenau — Sametzki — F. Schrader — Friedrich Deeke — Friedrich v. Ockel — Bernhard Hoepner — Hermann Baumgarten — Peter Hartmann — F. Faust — Heinrich Fröhner — Guido v. Seckendorf — Dr. Fr. Ballolton — H. Watson.

— — — — —
(No mesmo jornal e mesmo número)

Numa audiência do tribunal municipal em 25 de maio de 1883 o Tenente Cirurgião Dr. (?) C. W. Friedenreich declarou ter ficado ofendido pela declaração do Sr. Dr. Fritz Müller por tê-lo chamado de “ladrão” e exige retratação. Dr. Müller declarou que nega toda e qualquer declaração mostrando de acordo com o art. 7 do código penal pode provar que não é responsável pelo artigo publicado, assim a audiência foi suspensa. Em sentido geral isto demonstra, que o senhor C. W. Friedenreich não estava a par deste art. no código penal o que naturalmente foi uma satisfação a todos os presentes, que conheciam na íntegra o artigo publicado.

Professor August Schnitzler

Extraído do livreto: "Zur Jahrhundert Feier" (Para o Centenário)
do ano de 1929, 2.^o caderno.

Artigo escrito pelo próprio editor G. Arthur Kochler sob o título:
"Aus dem Leben eines Lehrers" (Da vida de um professor)
Homenagem em memória ao professor August Schnitzler

"Foi no ano de 1892. Quase vinte anos mais tarde, eu voltei novamente ao aconchegante lugarzinho de São José e quando visitei o excelente homem e professor, ao qual as ondas da vida levaram à solidão da floresta.

Na linda cidade de Koblenz, no Reno, nasceu em 1842, August Schnitzler, que com jovem entusiasmo empreendeu a travessia do oceano, com apenas 16 anos de idade.

Em 3 de março de 1859 iniciou suas atividades de professor no Rio Grande do Sul.

Nos anos de guerra, 1870/1871, ocupou o cargo de professor em Gaspar, perto de Blumenau e em Poço Grande. Depois transferiu seu domicílio para Santa Philomena, seis quilômetros de São Pedro de Alcântara, onde atuou até 1914 como professor e formador da juventude, no mais puro sentido da palavra. Faleceu lá mesmo a 18 de janeiro de 1918; respeitado e amado pelos moradores e quase um eremita, pois o mundo atual não mais o agradava, porque já projetava as sombras do conflito mundial.

Questões escolares também foram razões que levaram o Reitor Strothmann e a mim, em 1911, à presença deste professor. Meus primeiros contatos pessoais já datavam de quase 10 anos antes, quando passava por Santa Philomena e hospedava-me na casa de seu cunhado. Frequentemente trocávamos cartas, pois nossos objetivos irmanavam-se e nossos sentimentos alemães aproximava-nos.

Desta forma, nos cumprimentamos como velhos conhecidos e nossa palestra a três, levou-me para um verdadeiro acontecimento. Foi ali que conheci o homem August Schnitzler, que, com espontaneidade, contou-nos acontecimentos de sua vida de imigrante.

Não era homem de grandes frases, mas com simples palavras colocou um sinete no relatório dos acontecimentos.

Já sua cabeça alva demonstrava a idade, pois há alguns anos passados festejara 50 anos de professorado.

Schnitzler, por sua atividade profissional, conseguira estabelecer uma relação de grande amizade com os lusos-brasileiros.

Muitos destes ocupam hoje cargos de importância, iniciados pela mão do professor. A muitos ajudou a transportar o umbral da escola para a vida e dele receberam uma formação moral e cívica.

Como já mencionamos anteriormente, August Schnitzler não

mais teve conhecimento do término do conflito mundial, pois faleceu em janeiro de 1918. Hoje descansa o veterano professor nas proximidades do monumento do Centenário da Imigração, que será erguido em São Pedro de Alcântara, a 15 de novembro.

Ele soube erguer um monumento mais duradouro que ferro e pedra, no coração de milhares de agradecidos cidadãos.

Seu nome será lembrado por netos e bisnetos, porque foi um professor na verdadeira acepção da palavra: "fazer o bem por comunicação".

(Tradução: Edith Sophia Eimer)

NOTA: O livreto do qual foi extraído o presente comentário, acha-se no Arquivo Histórico "Prof. J. F. da Silva", da Fundação "Casa Dr. Blumenau", sob o n.º V-981-KOE-ZUR.

Os primeiros 25 anos do "Der Urwaldsbote"

Artigo publicado no jornal do dia 3 de julho de 1917
registrando o acontecimento

"O 1.º número do "Urwaldsbote" foi publicado no dia 16 de julho de 1893. O redator responsável do semanário, que foi fundado pela Conferência Pastoral Evangélica para Santa Catarina, foi o Pastor Faulhaber, que hoje é pastor em Treblin, Província de Brandenburg, Alemanha. Também naquele tempo soprava um vento quente no Brasil. Doze dias depois do aparecimento do 1.º número, os blumenauenses defenderam a invasão das tropas da polícia no Bairro Vorstadt a 28 de julho de 1893. Sobre este acontecimento podemos ler notícias no n.º 4 de 6 de agosto. Igualmente naquela ocasião, o jornal que naquela época era apolítico, assim como hoje devia afastar-se e analisar cuidadosamente tudo que publicava, também encontramos poucas aiusões à revolução da época, publicados no jornal, que somente foi dominada totalmente em 1894.

A 4 de julho de 1893, foi publicado o protocolo da reunião da Câmara Municipal, na qual participaram os senhores Heinrich Probst, Luiz Abry, Jens Jensen, Ferdinand Hackbarth, Antônio Bernardo Haendchen e como escrivão Francisco Margarida.

A 1 de novembro de 1898, o pastor Faulhaber afastou-se do cargo de redator e que a partir de então está nas mãos do atual redator. Com esta fase o jornal passou a deixar de apresentar a feição confessional e começou também a publicar acontecimentos políticos. Mas ainda continuava nas mãos da Conferência Pastoral Evangélica até o ano de 1900, quando foi adquirido por um consórcio do qual era sócio o atual editor, Sr. G. A. Koehler. Em maio de 1914 o "Urwaldsbote" transferiu suas instalações para uma casa própria."

(Tradução: Edith Sophia Eimer)

FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU"

Instituída pela Lei Municipal nr. 1835, de 7 de abril de 1972.
Declarada de Utilidade Pública Municipal pela Lei nr. 2.028, de 4/9/74.
Declarada de Utilidade Pública Estadual pela Lei nr. 6.643, de 3/10/85.
Registrada no Cadastro Nacional de Pessoas Jurídicas de Natureza Cultural do Ministério da Cultura, sob o nr. 42.002219/87-50,
instituído pela Lei 7.505, de 2/7/86.

S9015 B L U M E N A U

Santa Catarina

INSTITUIÇÃO DE FINS EXCLUSIVAMENTE CULTURAIS

SÃO OBJETIVOS DA FUNDAÇÃO:

- Zelar pela conservação do patrimônio histórico e cultural do município;
- Organizar e manter o Arquivo Histórico do Município;
- Promover a conservação e a divulgação das tradições culturais e do folclore regional;
- Promover a edição de livros e outras publicações que estudem e divulguem as tradições histórico-culturais do Município;
- Criar e manter museus, bibliotecas, pinacotecas, discotecas e outras atividades, permanentes ou não, que sirvam de instrumento de divulgação cultural;
- Promover estudos e pesquisas sobre a história, as tradições, o folclore, a genealogia e outros aspectos de interesse cultural do Município;
- A Fundação realizará os seus objetivos através da manutenção das bibliotecas e museus, de instalação e manutenção de novas unidades culturais de todos os tipos ligados a esses objetivos, bem como através da realização de cursos, palestras, exposições, estudos, pesquisas e publicações.

A FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU", MANTÉM:

Biblioteca Municipal "Dr. Fritz Müller"
Arquivo Histórico "Prof. José Ferreira da Silva"
Museu da Família Colonial
Horto Florestal "Edite Gaertner"
Edita a revista "Blumenau em Cadernos"
Tipografia e Encadernação

CONSELHO CURADOR: Presidente — Afonso Rabe; vice-presidente
— Antonio Pedro Nunes.

MEMEROS: Elimar Baumgarten — Rolf Ehlke — Nestor Seára Heusi — Ingo Wolfgang Hering — Martinho Bruning — Urdá Alice Klueger — Frederico Blaul — Frederico Kilian — Olivo Pedron.

DIRETOR EXECUTIVO: José Gonçalves

MUITA GENTE QUE FEZ A HISTÓRIA COLONIZADORA EM NOSSA REGIÃO, JÁ VESTIA A MACIEZ DAS CAMISETAS E ARTIGOS HERING.

QUANDO SE FALA NA HISTÓRIA DE NOSSOS PIONEIROS, LEMBRA-SE DOS IRMÃOS HERING, QUE HÁ MAIS DE CEM ANOS INSTALARAM A PRIMEIRA INDÚSTRIA TÊXTIL EM BLUMENAU.

HOJE "BLUMENAU EM CADERNOS" E A HERING TÊM MUITO EM COMUM. ACREDITAMOS NA NOSSA TERRA E NOS VALORES DA NOSSA GENTE.



Cia. Hering
BLUMENAU - SANTA CATARINA